



**Ana Karoline Nogueira Gonçalves  
Thaiza Ventura Alves**

**É DE MENINO OU DE MENINA? O GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Ji-Paraná  
2020

**Ana Karoline Nogueira Gonçalves  
Thaiza Ventura Alves**

**É DE MENINO OU DE MENINA? O GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Artigo apresentado ao curso de Educação Física Licenciatura, do Centro Universitário São Lucas como requisito final para obtenção do título de graduação em licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Regiane Caris dos Santos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

G635e      Gonçalves, Ana Karoline Nogueira

    É de menino ou de menina? o gênero na educação física escolar / Rachel Emerich; Ana Karoline Nogueira Nogueira Gonçalves; Thaiza Ventura Alves.  
    – Ji-Paraná, 2020.  
    20 p.

    Artigo Científico (Curso Educação Física) Centro Universitário São Lucas, 2020.  
    Orientação: Prof. Ma. Regiane Caris dos Santos

    1. Educação Física escolar . 2. Gênero. 3. Inclusão. 4. Igualdade.  
    I. Alves, Thaiza Ventura. II. Santos, Regiane Caris dos. III. Título.

CDU 796

**ANA KAROLINE NOGUEIRA GONÇALVES**

**THAIZA VENTURA ALVES**

**É DE MENINO OU DE MENINA? O GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Artigo científico apresentado à Banca Examinadora do Centro Universitário São Lucas de Ji-Paraná, como requisito de aprovação para obtenção do Título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador (a): Prof. Ma. Regiane Caris dos Santos

Ji-Paraná, 08 de dezembro de 2020.

Avaliação/Nota: 9,7

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Regiane Caris dos Santos

Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná



Prof. Anderson Leandro Maria

Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná



Prof. Dra. Susana Maria Mana Aróz

Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná

## É DE MENINO OU DE MENINA? O GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ana Karoline Nogueira Gonçalves<sup>1</sup>

Thaiza Ventura Alves<sup>2</sup>

Regiane Caris dos Santos<sup>3</sup>

**Resumo:** A temática de gênero nas aulas de Educação Física ainda é algo desafiador tanto para os alunos quanto para os professores uma vez que os alunos já vem para as escolas com opiniões formadas e padrões que vem seguindo desde seu nascimento percorrendo por sua infância, como em brinquedos que ganham, cores de roupas que vestem, definições de que esporte devem praticar, entre outros. O objetivo desta pesquisa foi analisar as questões de gênero dentro da Educação Física escolar. Como metodologia realizou-se um levantamento sistemático da literatura brasileira entre os anos de 1995 a 2020 que estão associados à temática proposta. Os resultados apontam que há uma separação de gênero dentro das aulas de Educação Física e essas questões de gênero ainda é um assunto desafiador tanto para os alunos quanto para os docentes, é fundamental que os professores levem essa temática para dentro de suas aulas a fim de que meninos e meninas participem de forma igualitária. É de suma importância que essa temática não seja limitada dentro das escolas e que os profissionais busquem discutir urgentemente a Educação Física e o gênero, por isso se torna essencial que novas pesquisas sejam realizadas para disseminar conhecimento acerca desse tema.

**Palavras-Chave:** Educação Física escolar. gênero. inclusão. igualdade.

## IS IT FOR BOY OR GIRL? GENDER IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION.

**Abstract:** The gender theme in Physical Education class is still something challenging for both students and teachers, since students already come to school with formed opinions and patterns that have been following since their birth, such as toys they earn, clothes colors that wear, definition of wich sport they should practice, among others. The objective of this research is to analyze gender issues within school Physical Education. As a methodology, a systematic survey of the Brazilian literature was carried out between the years 1995 and 2020 that are associated with the proposed theme. The results show that there is a gender separation within Physical Education classes and it is of fundamental importance that teachers take this theme into their classes so that boys and girls participate equally. It is of paramount importance that this theme is not limited within schools and that professionals seek to urgently discuss Physical Education and gender, so it is essential that further research be conducted to disseminate knowledge on this topic.

**Keywords:** School Physical Education. gender. inclusion. equality.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Educação Física da Faculdade São Lucas - anakarolinenogueiragoncalves@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica do curso de Educação Física da faculdade São Lucas - thaizaventura@hotmail.com

<sup>3</sup>Professora do Centro Universitário São Lucas/ Orientadora – regiane.santos@saolucas.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Para muitos a definição de gênero ainda é uma incógnita devido ser uma temática em constante estudo, seu conceito se baseia na representatividade social de características anatômicas que os diferem, ou seja, são fatores sociais construídos a partir de fatores biológicos (JERÔNIMO, 2018).

Gênero era algo simples e limitado para se conceituar, pois era tão somente ligado ao se nascer com o sexo masculino ou feminino, sendo assim estava somente relacionado com o sexo do indivíduo. Mas ao passar dos anos, foi notado que não era algo tão simples. Existe uma grande diferença entre sexo e gênero. Desta forma gênero não pode ser relacionado com a genitália com a qual o indivíduo nasceu, pois existem identidades de gênero, a qual o indivíduo não nasce com o gênero com o qual se identifica (MEDEIROS; MORAES, 2015).

De acordo com Medeiros e Moraes (2015) gênero é uma construção da sociedade que é atribuída ao sexo. Pois é extremamente comum escutar frases do tipo “isso é coisa de mulher”, ao se referir tão somente aos afazeres domésticos, por exemplo. São padrões errôneos que uma sociedade machista impõe há anos para limitar as mulheres e impedi-las de fazerem o que querem. E o primeiro contato com o machismo acontece nos primeiros grupos sociais, sendo eles família e ambiente escolar.

Por outro lado, é preciso aceitar que a “construção de gênero é histórica e se faz relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança” (SANTOS, p.02, 2010).

Segundo Jerônimo (2018), os sujeitos vão construindo e transformando suas identidades de gênero de acordo com sua forma de estar e viver em sociedade, desde a infância são orientados a agirem da forma e padrão que a sociedade impõe, padrões estes que são diferente para homens e mulheres, objetivando assim, consolidar essa distinção entre ambos.

Para Souza (2004, p.06, 2004) os meninos são diferentes de meninas, no sentido mais amplo, isto devido às características biológicas. Porém, ele afirma que:

Na compreensão das manifestações, a formação cultural interage diretamente na construção dos sujeitos indo então, além do olhar

superficial referente ao sexo, isto quer dizer que: os meninos desde pequenos praticam brincadeiras e atividades “mais livres” diferente das meninas que são envolvidas nas atividades definidas para elas: bonecas, casinha, que as socializarão no modo de ser mulher, esposa e mãe.

E neste sentido a escola, através de suas normas e disciplinas em suas ações vem “ensinando” o que é ser menino e o que é ser menina, colocando barreiras e delimitando a masculinidade e feminilidade. Portanto a escola no geral educa os alunos normatizando os gêneros, sendo assim ela orienta habilidades distintas para meninos e meninas direcionando os alunos para as suas expectativas de comportamentos “adequados” para cada sexo (JACO; ALTMANN, 2017).

As aulas de Educação Física foram marcadas pela disciplinarização dos corpos, essa ideia atravessou gerações e culturas através da história sendo que ainda nos dias atuais é perceptível que na prática desportiva prevalece a separação entre meninos e meninas em determinadas atividades. Dessa forma as aulas de Educação Física fortalecem esse estereótipo e padrões de gênero (LIMA; DINIS, 2007).

Vivemos em uma sociedade que nos classifica de acordo com nossa cor, classe social, peso, entre outros, na escola essa classificação se intensifica quando tratamos de gênero. O sexo feminino geralmente é tratado como o sexo frágil, nas aulas de Educação Física sua força e habilidades são julgadas. Já o sexo masculino é tratado como o sexo forte, sinônimo de virilidade, nas aulas são julgados com mais habilidade e destreza.

A discussão de gênero está presente na sociedade de forma constante, e na escola isso não é diferente, é nas aulas de Educação Física que surgem oportunidades de abordar esse tema, devido ser uma aula em que os alunos têm mais contato pessoal, se socializam e se expressam não só por linguagem verbal, mas também por movimentos e gestos, ou seja através da linguagem corporal. Um exemplo que pode ser mencionado, é o das meninas sofrerem críticas por se destacarem em algumas modalidades que de acordo com os padrões, não são considerados compatíveis com sua natureza de gênero como por exemplo a prática do futebol, ou para os meninos ao se destacarem em práticas corporais como a dança (JERÔNIMO, 2018).

Outro ponto crucial que contribui para julgamentos e exclusão de gênero na Educação Física escolar é a forma que os professores ministram suas aulas, para facilitar seu trabalho, acabam cooperando de forma indireta ou às vezes direta com essa realidade,

a partir do momento em que promovem atividades que estimulam a divisão de gênero definindo o que os meninos e meninas devem praticar ao invés de elaborar atividades que estimulem a interação e a participação de ambos em um mesmo espaço (MATOS *et al.* 2016).

De acordo com Matos *et al.* (2016) um dos fatores que dificultam as relações entre os gêneros nas aulas de Educação Física e por si só acabam contribuindo para esses segmentos errôneos que estão enraizados na sociedade, são os próprios professores, uma vez que não se importam em melhorar esse cenário, uns alegam que não moldam suas aulas afins de incentivar a interação entre meninos e meninas por falta de interesse dos alunos, outros já dizem que é por que os meninos se desenvolvem melhor em certas atividades e as meninas em outras. Sendo assim a escola em especial as aulas de Educação Física acabam sendo passivos nessa desconstrução de preconceitos vigentes na sociedade ao invés de serem protagonistas nessas mudanças tão necessárias.

A separação de gênero pode ser considerada normal por muitos professores, reforçando a expectativa de comportamento “próprio” de cada gênero. Para as meninas as atividades estão quase sempre relacionadas a dança e para os meninos práticas esportivas mais “agressivas”, para que desenvolvam ou liberem sua agressividade (LIMA; DINIS, 2007).

Portanto levando em consideração toda discussão que envolve o gênero e suas formas de abordagem dentro das escolas e em especial nas aulas de Educação Física essa pesquisa teve por finalidade analisar as questões de gênero dentro da Educação Física escolar. O desenvolvimento desta pesquisa visa contribuir para que os profissionais da área reflitam sobre o assunto dentro das suas aulas, passando a observar e discutir cuidadosamente sobre os papéis impostos socialmente para determinado sexo.

## **2 MATERIAL E MÉTODO**

A pesquisa tratou de uma revisão bibliográfica qualitativa, buscando analisar a discussão de gênero dentro da Educação Física Escolar.

A revisão bibliográfica é um procedimento formal, é o caminho para descobertas ou aprimoramento de pensamentos e fatos sobre o tema pesquisado, encontrando assim respostas para as questões propostas, através da metodologia científica. Ela garante ao pesquisador novos dados em qualquer área de conhecimento (LAKATOS; MARCONI, 2001).

O levantamento de dados para a realização desta pesquisa foi feito através do Google Acadêmico, utilizando como palavras chaves: Educação Física Escolar, Gênero, inclusão e igualdade. Foram levantadas 32 pesquisas relacionadas ao tema, onde 2 livros e 19 artigos serviram como referencial teórico. Dos artigos levantados 13 não respondiam ao tema da pesquisa. Como critério de inclusão recorremos a publicações entre os anos de 1995 a 2020 condizentes com o tema. Como critério de exclusão desconsideramos todas as publicações anteriores ao ano de 1995, ou publicações que não respondiam ao tema pesquisado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definições de como o ser masculino e o ser feminino deve se comportar em sociedade, tendo em vista seus afazeres e delimitações são segmentos de uma identidade construída historicamente que vem se reproduzindo dia após dia na sociedade contemporânea, sendo assim a criança, menino ou menina aprendem a agir de acordo com essas definições em seus meios sociais sendo eles em casa e escola. A divisão de gênero está em constante presença na vida dos alunos, não somente nas aulas práticas de Educação Física mas também em atos naturais considerados pequenos como na formação de filas que geralmente separam meninos e meninas. Nas divisões de trabalhos em grupos dependendo do tipo da atividade o professor separa-os, ou por costume ou afinidade os próprios alunos escolhem essa separação (JERÔNIMO 2018).

As pesquisas realizadas nos últimos anos mostram como esta separação de gênero vem sendo abordada no contexto escolar e principalmente nas aulas de Educação Física. Uma pesquisa exploratória realizada em uma escola estadual na cidade de Guarabira-PB por Oliveira (2017) que tinha como objetivo analisar a exclusão feminina nas aulas de Educação Física mista, aplicou um questionário a 40 alunos sendo eles das turmas do 6º e 7º ano, 10 alunos para cada turma, e os seus respectivos professores, e uma das perguntas presentes nesse questionário foi se eles acham que as atividades propostas nas aulas de Educação Física privilegiam os meninos e as meninas igualmente, 16 alunos “responderam que sim dependendo do que o professor passa” 14 disse que “os meninos são mais privilegiados” e 35 responderam que “ambos são privilegiados”.

Podemos perceber que de fato ocorre uma divisão de gênero dentro das aulas de Educação Física e isso é percebido pelo grupo feminino, embora a maioria acredita que todos sejam privilegiados é preciso entender se esse entendimento seja sob a ótica de participação ou separação por atividades nas aulas. Para Oliveira, (2017) a educação escolar formal é um lugar onde os alunos constroem seus princípios de igualdade, mas nas aulas de Educação Física ao longo do tempo ao invés de promover a igualdade, acaba separando os gêneros conforme suas capacidades e habilidades. Por isso o autor sugere que as aulas sejam mistas, pois assim ela promove conhecimento, respeito e aceitação das diferenças de gênero, elas buscam também criar um diálogo e interação entre meninos e meninas, formando assim relações de respeito.

O professor deve ter como foco em suas aulas a interação entre os gêneros, elaborando atividades inclusivas, adequando toda atividade aos interesses e necessidades de cada gênero, adotar uma postura aberta onde os alunos possam interagir na elaboração das aulas, incentivar a prática esportiva para os dois gêneros, onde meninos e meninas participem juntos. O ambiente das aulas deve ser acolhedor, sem violências de qualquer tipo, as aulas devem ser democráticas onde todos aos alunos, independente de gênero, tenham acesso às atividades no mesmo espaço (GOELLNER, *et al* 2009).

É importante a interação entre os alunos principalmente quando as aulas são mistas conforme já salientamos, pois é assim que constrói o respeito e coloca fim em certos preconceitos, como podemos observar no estudo de Jerônimo (2018), realizado em Florianópolis onde destacou o momento em que uma menina jogou futebol com os meninos na aula de Educação Física. O pesquisador relata que a menina não era bem vinda pelos meninos na pratica daquela modalidade, apesar dela saber jogar futebol os meninos tinham uma certa resistência à jogar com ela por preconceito, onde acreditam que uma menina não pode se destacar nesta modalidade que segundo os padrões é considerada para o sexo masculino.

Jerônimo (2018) também destaca um momento em que a professora leva a bola de voleibol e a bola de futsal para a aula e logo os alunos já vão se dividindo entre meninos e meninas para praticarem as modalidades, sendo meninas jogam voleibol e meninos futebol. Com essa observação foi possível identificar que os alunos já vêm com uma concepção de qual modalidade é predestinada para o seu gênero.

Ainda sobre o futebol nas aulas de Educação Física podemos trazer um estudo realizado por Jacoby e Goellner (2020). Em sua análise com uma turma do segundo ano do ensino médio de um colégio militar em Porto Alegre- RS, a participação feminina na modalidade futebol foi acarretada de desconforto, inferioridade e insegurança.

No colégio que foi realizado a pesquisa de Jacoby e Goellner em Porto Alegre- RS os alunos têm a opção de escolher quais unidades temáticas pretendem praticar em Educação Física e ao realizar essa escolha, 27 alunos escolheram futebol e apenas uma aluna optou por essa modalidade, e através de entrevista foi lhe perguntado se ela se sente bem em participar das aulas, e ela respondeu:

Não muito... Porque quando eles passam a bola pra mim, é aquela coisa, eles “deixam”, eles não vão em cima. Por exemplo, se eu erro, eu tenho maior chance de errar, então isso não é surpresa pra eles, então se alguma vez eu driblo algum menino, sem querer ou proposital é aquela coisa: “Ohhh levou da Aline!”. Então tem uma diferença. (Aline, futebol, 18 anos, grifos nossos) (Aline, p.08. 2020).

Podemos perceber que a percepção dos meninos com relação a modalidade de futebol ainda é machista por acreditar que é um esporte de homens e quando uma mulher joga poderá “facilitar” o jogo, e nesta visão é inadmissível que ela jogue melhor que eles. Quando uma mulher ocupa um cargo que antes era visto somente para homens isso se torna uma revolução e evolução inspiradora, que desperta mulheres a assumirem seus sonhos e vontades, realizando-se pessoal e profissionalmente, trazendo representatividade para outras. Além de instigar as meninas a verem que podem fazer o que quiserem. Para os meninos mostra que é normal, que uma mulher pode ocupar o espaço que quiser. Desta forma ajuda a desconstruir aquela ideia arcaica e errônea, que a mulher deve estar única e exclusivamente no domínio dos afazeres domésticos (ASSUNÇÃO, 2016).

O Brasil é considerado o país do futebol, desde muito pequenos os meninos já tem incentivo a prática dessa modalidade, ganham camisa de time, bola, entre outros, e tem seus ídolos no esporte. Apesar do futebol masculino ter tanto destaque isso não ocorre quando a prática desta mesma modalidade é feita por mulheres. Para quebrar o paradigma que o futebol é uma modalidade exclusiva do sexo masculino é necessário que a unidade escolar e o professor de Educação Física reflitam sobre suas metodologias, objetivando incentivar a participação feminina nesse esporte e assim contribuir diretamente para a mudança no contexto de associação entre gênero nas práticas esportivas (LIMA, 2017).

A formação dos meninos e meninas está relacionada aos espaços e tempo em que eles foram criados e incentivados, tendo comportamentos padronizados para cada gênero e entendendo que isso seja natural. Para compreendermos esta visão, analisamos o estudo desenvolvido por Santos (2010) na cidade de Piracicaba/SP, onde detectou falas e atitudes de alunos durante as aulas de Educação Física que comprovam questões de masculinidade e feminilidade. Uma das situações destacadas em aula teórica foi a fala de uma menina que viu um apontador rosa e perguntou em voz alta de quem era o apontador e um menino respondeu que era dele, ao se aprofundar no assunto a menina disse que o apontador não

poderia ser dele porque a cor do objeto era rosa, ficando nítido que para a menina há uma relação da cor do objeto com o sexo do possível dono.

Esses fatores estão presentes na população em geral, onde as crianças recebem incentivos a seguir determinados padrões ainda pequenas, como por exemplo, ter seu gênero definido por cor, “meninos usam e gostam de azul e meninas de rosa”, os brinquedos que ganham, brinquedos que acabam refletindo na profissão e nos esportes que devem praticar como por exemplo, meninos ganham bola e meninas fogãozinho, meninos ganham carros e meninas bonecas (LIMA, 2017).

Trazer as discussões de gênero e trabalhar a igualdade em sala de aula faz com que os alunos revejam seus conceitos e opiniões já formadas, trabalhando a desconstrução de preconceitos, tornando o ambiente escolar uma ponta partida para o desenvolvimento de uma sociedade melhor e libertadora contribuindo com a superação da desigualdade de gênero (PEDRO, 2018).

Para Pedro (2018, p.32, 2018) os professores precisam inovar em suas aulas, e afirma que:

O professor de educação física atualmente deve ser mais abrangente nos seus conteúdos com aulas mais acessíveis para todos os alunos consigam realizar as atividades e por sua vez experimentar a vivência corporal daquele movimento proposto pelo professor. As aulas mais problematizadas permitindo a participação e colocação dos pensamentos dos alunos é algo essencial nos dias de hoje para construir uma educação mais igualitária e crítica que conseqüentemente irá desenvolver um ser autocrítico que possa ouvir e refletir argumentos diferentes dos seus e assim, ser um ser mais participativo dentro da sociedade.

O papel do professor é fundamental para formação dos sujeitos visto que ele tem autonomia para discutir os papéis sociais dentro dos esportes e dos demais conteúdos da Educação Física, dentre eles podemos destacar a dança que muitas vezes passa a ser enxergada como “coisa de menina”.

Sobre a dança, Kleinubing *et al.* (2013) observou alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública estadual do município de Chapecó/SC. A turma é formada por 28 alunos, sendo 11 meninas e 17 meninos com idades entre 14 e 17 anos. O objetivo da pesquisa foi compreender como a dança pode se configurar compartilhamento de experiências, onde foram discutidos estereótipos de gênero. Depois de realizadas as observações das aulas que tinham como temática a dança, durante uma conversa com um

grupo focal onde todos os participantes tinham afinidade com a dança tanto meninos como meninas, os alunos apontaram:

...ele era o único menino que estava nas cadeiras dançando com nós, mas ele fazia tudo. Na hora que cruzamos a perna ele disse: - “ah não vou cruzar” aí ele modificou o passo, pra não ficar tão feminino né [...] porque a gente tem que respeitar [...] tanto como tem menina no grupo tem piá fazendo (Maria, p.04, 2013).

Tinham muitos que desistiam no grupo, eles achavam que rebolar [...] ficava muito mal pra eles ... achavam que rebolar era mais coisa pra mulher e não pra homem (Felipe, p.02, 2013).

As falas desses alunos mostram que há um preconceito acerca da dança e quem pode dançar. As crianças ainda hoje imitam estereótipos que a sociedade coloca em homem e mulher, quais os movimentos na dança que um menino e uma menina podem realizar, para que não percam sua sexualidade.

Para Kleinubing *et al.* (2013) a grande dificuldade da dança nas aulas de Educação Física ainda é o estereótipo socialmente ligado a masculinidade e feminilidade influenciando diretamente nas aulas e principalmente na dança. Enfatiza também a importância de começar a trabalhar a dança mais cedo, nos primeiros anos para que haja uma menor rejeição pelos meninos, e que os professores devem estar preparados para tal rejeição que pode também acontecer pelas meninas.

Em uma análise feita por Altmann (2015) em uma escola municipal em Belo Horizonte buscou verificar como os alunos construíam as relações de gênero dentro da Educação Física escolar. A pesquisa foi realizada com alunos do sexto ano com idades entre 11 e 15 anos. As aulas sempre eram separadas, meninos jogavam em um dia da semana e meninas no outro:

Na segunda, eram os homens que jogavam a aula inteira futebol e, na quarta, era a gente que jogava a aula inteira [...]. Quando a minha professora de educação física faltava, os meninos faziam sacanagem com a gente. Às segundas e quartas, eles jogavam futebol. Aí, para nós não deixarmos batido, nós pegávamos corda e pulávamos lá no meio, começávamos a avacalhar (Nadia, p.55, 2015).

A professora ao iniciar as aulas sempre pedia para que a turma aguardasse sentados, os meninos sempre saíam correndo e brincando uns com os outros pela quadra já as meninas aguardavam a chegada da professora sentadas como a mesma solicitava. Segundo Altmann (2015), nesta aula, por terem se comportado melhor, as meninas poderiam escolher a modalidade para jogarem todos juntos, a modalidade escolhida foi o voleibol. Pelo fato da aula ser mista os meninos estavam a frente do jogo e acabavam excluindo as meninas.

Assim, ficou claro que mesmo analisando meninos e meninas separadamente sempre haviam os que tocavam mais na bola do que outros, indicando que gênero não é a única categoria que implica na participação dos jogos, mas também a habilidade. Pelo fato dos meninos terem tocado mais vezes na bola do que as meninas, não se pode generalizar afirmando que as meninas são excluídas por serem mulheres pois esta questão também está relacionada à habilidade corporal de cada um (ALTMANN, 2015).

Gomes (2019) em uma investigação em produções acadêmicas, separou em tópicos os resultados de dissertações nos quais os textos apresentam sobre gênero na Educação Física escolar. Em 50% das pesquisas o maior enfoque estava na prática do profissional que atua nessa área, pontuando um problema na condução das aulas de Educação Física dentro das escolas. Mostrando assim que alguns professores ainda acreditam na separação por gênero, que as aulas teriam mais qualidade, haveria uma melhora no aproveitamento das mesmas, uma vez que, segundo esses profissionais os meninos são mais habilidosos. O segundo maior resultado representando 30% da pesquisa realizada liga as questões de gênero à infância, reforçando assim a necessidade e o incentivo de tratar essas questões ainda na pré- escola.

Em um estudo etnográfico realizado por Godoy (2017) em uma creche comunitária, no município de Juiz de Fora, acompanhou a interação de uma turma com 15 crianças com idades entre 3 e 4 anos. O intuito da pesquisa foi observar as brincadeiras e brinquedos utilizados pelas crianças. Os brinquedos disponíveis geralmente eram carrinhos, bonecas, motos, caminhões, ferrinhos de passar roupa, bolsas, entre outros. As brincadeiras utilizadas pelas meninas retratavam o cotidiano familiar, funções de maternidade como “mamãe e filhinha”, “casinha”, já os meninos brincavam com carrinhos ou simulavam o ato de dirigir. Colocavam também outro significado ao uso dos brinquedos, um relógio virava

um volante, um ferrinho de passar virava arma, representando elementos associados à masculinidade. Suas brincadeiras se mostraram mais ativas como correr e escorregar.

Neste estudo, é notável que tanto meninas quanto meninos associavam ser mulher/mãe aos afazeres domésticos e cuidar dos filhos e que mesmo nas interações entre crianças com pouca idade, os papéis de gênero são bem próximos dos adultos, pois vivem em um mesmo meio social e cultural, as brincadeiras e brinquedos por sua vez reproduzem os papéis de masculinidade e feminilidade (GODOY, 2017).

A família proporciona a criação de afeto e segurança, é em casa que as crianças e adolescentes tem sua formação de valores que serão levados para toda a vida. Portanto é de extrema importância tratar gênero e sexualidade ainda em casa. É no convívio como os pais e familiares que se desenvolve o padrão cultural de gênero, a partir disso as crianças constroem os valores pertinentes ao do seu grupo social. Deve-se tratar essas questões desde cedo ainda na família pois é ela quem promove a caracterização do indivíduo na sociedade (RESSEL, *et al.* 2011).

A escola e os professores além de contribuir para a formação intelectual e social dos alunos elas também são de grande importância na construção da identidade de gênero (GODOY, 2017).

Infelizmente muitos professores ainda não acharam uma forma pedagógica para tratar a questão de gênero nas aulas de Educação Física, pois ainda há preconceitos e dificuldade de trabalhar com ambos os sexos em um conjunto (LEITÃO; SOUSA, 1995).

A atuação do professor nas aulas de Educação Física deve buscar incentivar de forma positiva todos os alunos da turma, independente de erros ou acertos. Uma menor interferência polo docente nas dinâmicas da aula, permite que os próprios alunos formem relações entre si, sem distinção de gênero. Sendo assim, quanto menor a interferência menor é a hierarquização das relações de gênero, menos desigualdade, onde todos tenham a oportunidade de romper as fronteiras de gênero determinadas pela sociedade. O professor deve deixar que os alunos percebam e aprendam a vivenciar o corpo e os gestos com diversidade (MARIANO; ALTMANN, 2016).

## 4 CONCLUSÃO

É notável que questões negativas de gênero nas aulas de Educação Física é algo muito presente e atinge tanto os meninos quanto as meninas. A falta de metodologias que discutem e trabalham essas questões tornam ainda mais forte o preconceito e a discriminação de um gênero em relação ao outro na prática de algumas atividades propostas pelo professor. Para que essas desconstruções sejam passadas para os alunos é necessário que ela aconteça primeiramente no profissional e no corpo docente, pois ainda há professores que estabelecem em suas aulas, atividades que separam os gêneros, determinando o que deve ser praticado por meninos e o que deve ser praticado por meninas, embasado em preconceitos históricos que norteiam nossa sociedade.

A escola prepara o ser humano para viver na sociedade contemporânea, onde se faz necessário se desprender de ensinamentos que vêm sendo passados de geração para geração, sendo hoje em dia considerados errôneos levando o ser humano a retroagir. Aplicar a Coeducação a esses alunos faz com que os libertem de conceitos sexistas que tendem a definir o que cada um deve praticar ou exercer, melhorando também a interação social dos alunos.

Portanto é importante que o professor estimule a participação de todos os alunos nas aulas, para que além dos benefícios físicos e sociais, os mesmos possam compreender que em uma sociedade democrática o direito de participação independente do sexo deve ser respeitado e o discurso de superioridade de apenas um gênero seja desconstruído fazendo com que todos vivenciam novas possibilidades dentro das atividades propostas.

É importante que os docentes usem metodologias que englobe os dois gêneros sem distinção desde a pré escola, pois a partir do momento que a criança começa a frequentar a escola ela está em contato com culturas e costumes distintos, onde o gênero é estigmatizado de formas diferentes em cada família. O professor sendo o mediador desse assunto pode desconstruir possíveis preconceitos e mostrar que meninos e meninas podem participar da mesma aula sem a separação de gênero.

Portanto é de suma importância que essa temática não seja limitada dentro das escolas e que os profissionais busquem discutir urgentemente a Educação Física e o gênero, por isso se torna essencial que novas pesquisas sejam realizadas para disseminar conhecimento acerca desse tema.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

ASSUNÇÃO, Débora Carla de. A questão do gênero no trabalho: estudo retrospectivo das conquistas femininas.

LIMA, Francis Madlener de; DINIS, Nilson Fernandes. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo Sem Fronteiras**. VI, v. 7, p. 243-252, 2007.

discursos e brincadeiras. 2017. 163 f. dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6448/1/karinenataliebarragodoy.pdf> Acessado em: 20/09/2020.

VALLE LEITÃO DO, Fátima C.; DE SOUSA, Iracema Soares. O homem que dança.. **Motrivivência**, n. 8, p. 250-259, 1995.

SANTOS DOS, Vilma Canazart. Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 841-852, 2010.

GODOY, Karine Natalie Barra. Construção das identidades de gênero na infância: os discursos de brinquedos e brincadeiras. 2017.

GOELLNER, Silvana et al. Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer. 2009.

GOMES, Edileide de Jesus. PARTICIPAÇÃO DE MENINOS E MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA QUESTÃO DE GÊNERO. **Revista Científica UMC**, v. 4, n. 3, 2019.

JACO, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena. SIGNIFICADOS E EXPECTATIVAS DE GÊNERO: OLHARES SOBRE A PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Educação em Foco**, p. 155-181, 2017.

JACOBY, Lara Félix; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, p. 01-19, 2020.

JERÔNIMO, Bernardo de Camargo et al. Educação Física e gênero: Analisando questões na educação física escolar. 2018.

KLEINUBING, Neusa Dendena; DO CARMO SARAIVA, Maria; FRANCISCHI, Vanessa Gertrudes. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Journal of Physical Education**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **DO TRABALHO CIENTÍFICO**. São Paulo: Atlas, 2001.

Lima, D. R. (2017). A participação feminina no futebol nas aulas de educação física escolar: por quê não?.

MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?. **cadernos pagu**, n. 46, p. 411-438, 2016.

MATOS, Naiara da Rocha et al. Discussão de gênero nas aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016.

MEDEIROS, Letícia. MORAES, Isabela. **Vamos falar de gênero?** Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>> Acessado dia 04 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, Maria das Dores Batista de. A exclusão das meninas nas atividades intergênero na educação física mista na cidade de Guarabira-PB. 2017.

PEDRO, Jandson José de Medeiros. **Sociedade, escola e educação física no Brasil: implicações nas relações de gênero**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso.

RESSEL, Lúcia Beatriz et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 245-250, 2011.

SANTOS, Vilma Canazart dos. **Indícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física**. *Rev. Motriz, Rio Claro*, v.16 n.4 p.841-852, out./dez. 2010.

SOUZA, Raphael Fabrício de. **MENINOS NÃO CHORAM? A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2004. Acessado em 09/09/20. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47669/MONOGRAFIA%20RAPHAEL%20FABRICIO%20DE%20SOUZA.PDF?sequence=1&isAllowed=y>>

ANEXO I